

PAULA, M. N.; MOREIRA, C. G. L. Construções de foco no português: observações sobre a diacronia das interrogativas-Q. *ReVEL*, vol. 17, n. 32, 2019. [www.revel.inf.br]

CONSTRUÇÕES DE FOCO NO PORTUGUÊS: OBSERVAÇÕES SOBRE A DIACRONIA DAS INTERROGATIVAS-Q

Focus construction in Portuguese: some observations on the diachrony of wh-questions

Mayara Nicolau de Paula¹

Carolina Gabriele Lima Moreira²

maynicolau@gmail.com

carol.lima284@gmail.com

RESUMO: O artigo se volta para a mudança de uma prevalência do sujeito pós-verbal para uma acentuada preferência pelo sujeito na posição pré-verbal identificada na diacronia das interrogativas-Q do Português Brasileiro (PB) pelos estudos de Duarte (1992), Lopes-Rossi (1993) e outros. Partindo dos trabalhos mencionados e dos achados de Nicolau de Paula (2016), foram analisadas peças de teatro dos séculos XIX e XX buscando identificar a relação entre a posição do sujeito (pré ou pós-verbal), a entrada da clivagem no sistema do PB e a estrutura informacional das sentenças, tendo em vista as hipóteses levantadas por Duarte (1992) e Lopes-Rossi (1993). Foi encontrado, assim como estudos prévios mostraram, um significativo aumento das ocorrências de clivagem e o desenvolvimento da preferência pelo sujeito pré-verbal (padrão Q SV). O aparecimento do padrão Q SV nas primeiras sincronias analisadas, entretanto, aponta para uma hipótese de que essa organização sentencial já existia de forma restrita no sistema. As análises se voltaram também para o estabelecimento da clivagem reduzida e do Q *in situ* no PB, comparando-o ao Português Europeu (PE), que mantém a prevalência do sujeito pós-verbal e não apresenta a clivagem reduzida ou o Q *in situ* (Nicolau de Paula, 2016). Como uma segunda etapa de estudos, o presente artigo relata os achados iniciais de uma investigação que busca relacionar questões pragmáticas com o padrão sintático das interrogativas-Q em português.

PALAVRAS-CHAVE: focalização; interrogativas-Qq; diacronia; português brasileiro; português europeu.

ABSTRACT: The article discusses the change observed in the diachrony of Wh-questions in Brazilian Portuguese (BP), elaborated previously by Duarte (1992), Lopes-Rossi (1993) and others, in which it can be noticed a transition from a postverbal subject favored system to a preverbal subject strong preference. Supported by these studies and Nicolau de Paula (2016)'s, theater plays from the

¹ Doutora em Língua Portuguesa. Professora adjunta do departamento de Linguística – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

² Estudante de graduação do curso de bacharelado em Linguística Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

XIX and XX centuries were analyzed in order to investigate the relation between the subject position (pre or post verbal), the entry of the cleft in the BP's system and the informational structure, based on Duarte (1992) and Lopes-Rossi (1993)'s hypothesis. As previous studies showed, a significant increase in the occurrences of the cleft structure and the development of the preference for preverbal subject were identified. The occurrence of preverbal sentences in the initial time periods analyzed, however, leads to a hypothesis in which the preverbal subject was already part of the language system, although in limited contexts. The analysis addresses the reduced cleft and the Q *in situ* in BP, comparing it to the European Portuguese (EP), that kept the prevalence of postverbal subjects and does not present the reduced cleft or Q *in situ* (NICOLAU DE PAULA, 2016). As a second part, this paper presents the preliminary results of a study that intends to relate pragmatic aspects with the syntactic pattern of Wh-questions in Portuguese.

KEYWORDS: focalization; diachrony; wh-questions; Brazilian Portuguese; European Portuguese.

INTRODUÇÃO

Estudos sobre a sintaxe da ordem, como os de Berlinck (1989), Ribeiro (2007) e Cavalcante (2014, 2015) indicam que existe uma correlação entre a posição do sujeito (pré ou pós-verbal) e fatores de natureza gramatical e de estrutura informacional da sentença. Pensando nisso, o presente artigo se propõe a fazer uma análise diacrônica das interrogativas-Q no português. Essas sentenças são consideradas aqui como contraparte das estruturas que marcam foco nas declarativas (Mito, 2001); portanto os dados nos fornecem informações importantes sobre o processo de focalização e sua diacronia. Partindo dos trabalhos de Duarte (1992), Lopes-Rossi (1993), Pinheiro e Marins (2012), Nicolau de Paula (2016) e Nicolau de Paula (2017), nos voltamos para a mudança identificada em relação à ordem preferencial dos constituintes verbo e sujeito, observando, na diacronia do Português Brasileiro (doravante PB), uma passagem da prevalência da ordem VS, exemplificada em (1), para uma acentuada preferência pela ordem SV, exemplificada em (2). A partir da leitura de peças de teatro datadas dos séculos XIX e XX, quantificamos as ocorrências desses padrões sentenciais e as analisamos à luz das hipóteses elaboradas por Duarte (1992) e Lopes-Rossi (1993).

(1) O que **pensa tua filha** do nosso projeto? (O noviço, 1845, Martins Pena)

(2) Como **você soube** disso? (A inconveniência de ser esposa, 1948, Millôr Fernandes)

O presente artigo está organizado da seguinte maneira: na seção 1, encontram-se nossos pontos de partida e trabalhos prévios que tratam da questão em pauta. Em seguida, a seção de metodologia contendo informações sobre o corpus utilizado e a organização das peças teatrais que nos serviram como base. Na seção 3, é

apresentado nosso quadro teórico e o percurso diacrônico do processo de focalização. Por fim, partimos para a análise diacrônica dos dados e encerramos com uma prévia dos próximos passos da pesquisa.

1. PONTOS DE PARTIDA

No que diz respeito às interrogativas-Q, sabemos que existem diferenças importantes entre a gramática do PB e a do PE, especialmente no que diz respeito à ordem dos constituintes verbo e sujeito (Ambar, 1992; Duarte, 1992 e Brito, Duarte e Matos, 2003). Os resultados levantados para o presente artigo serão comparados com os dados de Nicolau de Paula (2016), que fez uma análise em moldes semelhantes, também com base em peças teatrais, para as interrogativas-Q do PE. O objetivo de propor tal comparação é buscar evidências que contribuam para a descrição do processo de mudança que atinge as interrogativas-Q do português.

O quadro abaixo ilustra os padrões de interrogativas-Q possíveis no PB e no PE:

PB	PE
PADRÃO 1 QSV	PADRÃO 1 QVS
PADRÃO 2 Q é que SV	PADRÃO 2 Q é que SV
PADRÃO 3 Q que SV	PADRÃO 3 Q é que V
PADRÃO 4 Q <i>in situ</i>	PADRÃO 4 Q <i>in situ</i> *

Quadro 1: Padrões de interrogativas-Q no PB e no PE

As sentenças apresentadas abaixo foram criadas apenas para fins de exemplificação do quadro, indicamos com (*) as estruturas agramaticais e com parênteses estruturas possíveis, mas usadas com algum tipo de restrição:

- (3) a. O que a Maria comprou? PB *PE
 b. O que comprou a Maria? (PB) PE
 c. O que é que a Maria comprou? PB PE
 d. O que foi que compraste? (PB) PE³
 e. O que que a Maria comprou? PB *PE

³ Um dos pareceristas comenta que a estrutura em 3 d, antes julgada como agramatical por nós, aparece em seu dialeto. O que justificava tal julgamento era o baixo índice de sujeitos nulos em sentenças do PB, no entanto optamos por considerar a construção possível com restrições, classificação representada pelo uso de parênteses.

f. A Maria comprou o que? PB (PE)

A sentença em (3a) mostra o padrão sentencial: [elemento Q - sujeito - verbo] (QSV), que é gramatical no PB e não é licenciado no PE, segundo os trabalhos de Ambar (1992) e Brito, Duarte e Matos (2003). De acordo com o que mostram as descrições citadas, as interrogativas-Q do PE aparecem em sua maioria com o padrão: [elemento Q - verbo - sujeito] (QVS), ilustrado em (3b). O padrão com ordem VS segue a chamada restrição de monoargumentalidade (Kato e Tarallo, 1988) e aparece em sua maioria com verbos que projetam somente um argumento. As sentenças interrogativas clivadas têm se mostrado muito frequentes em ambas as gramáticas, já que a ordem SV não é bloqueada em sentenças encaixadas, como é o caso da clivada. Retomaremos essa questão mais adiante. O exemplo em (3c) ilustra o padrão [Q é que SV], que é licenciado tanto no PB quanto no PE. O mesmo já não acontece com os dois padrões seguintes. Apesar de serem interrogativas com clivagem, apresentam restrições: (3d) é uma clivada com sujeito nulo, comum na amostra do PE, mas não é muito frequente no PB, exceto em dialetos que apresentam a forma pronominal *tu* como padrão. A baixa ocorrência dessa construção se deve ao fato de que sujeitos nulos não são mais frequentes no PB. O exemplo (3e) mostra o que chamamos de clivada sem cópula, estrutura cada vez mais recorrente no PB, mas que não é licenciada no PE, conforme apontam Brito, Duarte e Matos (2003). Por fim, temos a interrogativa com Q *in situ*. Esse padrão pode aparecer nos dois sistemas, no entanto recebe com mais frequência leitura de interrogativa verdadeira no PB. O PE tende a registrar uma leitura de pergunta-eco, segundo Brito, Duarte e Matos (2003).

A observação dos tipos de clivagem encontrados nos períodos analisados é muito relevante para nossa análise; já que podem fornecer evidências de como se deu a implementação desse padrão, que já está muito bem descrito para as declarativas, nas interrogativas-Q. O que encontramos com mais frequência foi: a clivagem invertida (3c) e a clivagem sem cópula (3e), sendo esta última característica da gramática do PB. Observações diacrônicas podem nos indicar a partir de que momento no tempo passamos a ter uma gramática com padrões exclusivos do PB em relação ao PE. Abaixo seguem exemplos de interrogativas clivadas retiradas da amostra:

(4) Onde é que nós estamos? (A inconveniência de ser esposa, 1948, Millôr Fernandes)

(5) Que que você acha, mãe? (Como encher um biquíni selvagem, 1992, Miguel Falabella)

A análise dos resultados diacrônicos nos levou a uma segunda etapa de trabalho que será brevemente relatada na última sessão. Trata-se de uma análise piloto em que observamos as relações pragmáticas associadas aos diferentes padrões de interrogativas-Q, estabelecendo uma análise a partir de uma classificação entre perguntas que de fato buscavam uma nova informação e perguntas que não o faziam. A interface com a pragmática, certamente, trará frutos importantes para a compreensão do perfil histórico das interrogativas.

2. METODOLOGIA

Um dos objetivos da presente pesquisa é o de aumentar o volume de dados analisados por Duarte (1992) para as interrogativas-Q do PB. Para isso, partimos das peças já estudadas pela referida autora e iniciamos o processo de expansão da amostra. Algumas peças estão disponíveis online (<https://sites.google.com/site/projetosujeitopeças/>) e outras foram gentilmente cedidas pela professora Maria Eugênia Duarte. As peças, listadas na Tabela 1, datam dos séculos XIX e XX e se enquadram no gênero comédia de costumes, gênero capaz de se aproximar mais da língua falada em comparação a outros gêneros em registro escrito. Dessas peças, foi selecionado um conjunto de dados, codificado de acordo com variáveis relevantes para o estudo das interrogativas, como a ordem dos constituintes verbo e sujeito, o tipo de padrão sentencial, o tipo de interrogativo, etc. e os dados analisados com o auxílio do software Goldvarb 2001 (Robinson, Lawrence e Tagliamonte, 2001).

Em relação ao PE, utilizaremos os resultados de Nicolau de Paula (2016), que constituiu uma amostra com o objetivo de comparar a diacronia das interrogativas do PE e do PB. A Tabela 2 mostra a lista de peças portuguesas utilizadas no referido trabalho:

Período I	O noviço - Martins Pena (1845) O primo da Califórnia - Joaquim Manuel de Macedo (1855)
Período II	O defeito de família - França Júnior (1870) Caiu o ministério - França Júnior (1882) Como se fazia um deputado - França Júnior (1882)
Período III	O mambembe - Arthur Azevedo (1904) O simpático Jeremias - Gastão Tojeiro (1918)
Período IV	A patroa - Armando Gonzaga (1933) Hóspede do quarto n. 2 - Armando Gonzaga (1937)
Período V	A inconveniência de ser esposa - Millôr Fernandes (1948) Pigmaleoa - Millôr Fernandes (1955) Um elefante no caos - Millôr Fernandes (1960)
Período VI	A mulher integral - Carlos Eduardo Novaes (1975) Crime sem castigo - Roberto Athayde (1983)
Período VII	Como encher um biquíni selvagem - Miguel Falabella (1992) No coração do Brasil - Miguel Falabella (1992) O gabinete do Dr. Hully Gully - Miguel Falabella (1999) Paraguassu got married - Miguel Falabella (2000)

Tabela 1: lista de peças teatrais que compõem a amostra do PB

Período I	Casar ou meter freira - Antonio Pedro L. de Mendonça (1848) Uma cena de nossos dias - Paulo Midosi (1843) Nem tudo que reluz é ouro - João de Andrade Corvo (1849) A domadora das feras - Luís Augusto Palmeirim (1857) Os logros numa hospedaria - Paulo Midosi (1841) O misantropo - Paulo Midosi (1852)
Período II	Quem desdenha... - Pinheiro Chagas (1874) A liberdade eleitoral - Teixeira de Vasconcelos (1870) Clero, Nobreza e Povo - César de Lacerda (1871) O festim de Baltazar - Gervásio Lobato (1892) A Senhora Ministra - Eduardo Schwalbach (1897)
Período III	O álcool - Bento Mântua (1912) A festa da atriz - Jorge Santos (1903) Antes de começar - Almada Negreiros (1919) Cavalheiro respeitável - André Brun (1914) Os degenerados - Mário Gollen(1905) Penélope - Abreu e Sousa (1919) Os que furam - Emídio Garcia (1905) O doido e a morte - Raul Brandão (1923) Terra Mater - Augusto de Lacerda (1904) A bisbilhoteira - Eduardo Schwalbach (1900)
Período IV	Continuação de comédia - João Pedro de Andrade (1931) Três gerações - Ramada Curto (1931) A prima Tança - Alice Ogando (1934) A invenção do guarda chuva - Luís Francisco Rebello (1944) O ausente - Joaquim Paços d'Arcos (1944)
Período V	Alguém terá que morrer - Luís Francisco Rebello (1954) É urgente o amor - Luís Francisco Rebello (1957) Mário o eu próprio – o outro - José Régio (1957) O meu caso - José Régio (1957)
Período VI	O grande mágico - Luís Francisco Rebello (1979) A lei é a lei - Luís Francisco Rebello (1977) Prólogo Alentejano - Luís Francisco Rebello (1975) A sogra - Alice Ogando (1973) Grito no outono - Romeu Correia (1980) A guerra santa - Luís de Sttau Monteiro (1975) A menina feia - Manuel Frederico Pressler (1970)
Período VII	Um filho - Luísa Costa Gomes (1996) Quinze minutos de glória - Jaime Rocha (1998) O céu de Sacadura - Luísa Costa Gomes (1998)

Tabela 2: lista de peças teatrais que compõem a amostra do PE

3. O PERCURSO DO PROCESSO DE FOCALIZAÇÃO

Segundo Lopes-Rossi (1996), o Português Clássico apresentava como característica principal o movimento de V para C, configurando um padrão comum a línguas V2. A autora afirma que só havia uma possibilidade de o V não precisar subir: a configuração em que o elemento interrogativo é acompanhado de um DP, como em (6).

(6) Que cuidado **vós tendes** de me pagar a soldada, que há tanto que me retendes? (século XVI)

Ainda com base nos dados de Lopes-Rossi (1996), observamos que, no século XVI, a autora encontra 23,2% de dados com ordem [Q VS] e 61,5% com sujeitos nulos. No século seguinte, o que temos é 31,5% de [Q VS] e 42,5% de interrogativas com nulos. Por fim, no século XVIII, a autora encontra 37,5% de [Q VS] e 48% de sujeitos nulos. Uma curiosidade importante é que, no último século analisado, aparece o padrão exemplificado em (7), representado aqui por [Q é o que V pro], com apenas 2% dos dados, mas é um padrão importante pois é um registro de uma estrutura de clivagem em interrogativas, como mostra o exemplo (7).

(7) Sobrinho desalmado, que é o que fizestes?

Trata-se de uma pseudoclivada interrogativa, padrão que não é mais registrado no português contemporâneo. Lopes-Rossi atribui um caráter enfático à estrutura, justamente por se tratar de um padrão pouco comum naquele momento.

As pseudoclivadas interrogativas são registradas, ainda que em frequência muito baixa, no trabalho de Kato e Ribeiro (2009) já no século XIV. Interrogativas clivadas só mostram seus primeiros registros no século XVII, segundo as mesmas autoras. Apesar de serem registradas no século XVII, as clivadas interrogativas só aparecem de modo consistente a partir do século XIX, como registram Lopes-Rossi (1996), Duarte (1992), Pinheiro e Marins (2012) e Nicolau de Paula (2016).

Com o objetivo de acompanhar o processo de entrada da clivagem no sistema, voltamos ao trabalho de Longhin (1999) que trata de clivagem em sentenças declarativas. O trabalho encontra as primeiras ocorrências de clivadas invertidas no século XVII e clivadas canônicas no século XVIII. Esses resultados associados aos dados apresentados por Lopes-Rossi nos levam à seguinte conclusão: durante os séculos XVII e XVIII houve uma mudança no âmbito das estratégias de focalização.

Esse processo tem sido descrito como uma das consequências da perda da gramática V2. Essa mudança acarreta um reordenamento na ordem dos constituintes e, por conseguinte, na ordem utilizada para focalizar termos. A passagem de uma gramática V2 a um sistema SVO, que foi o que aconteceu com o português, acarretou o surgimento de uma posição pré-verbal não marcada, como observam Pinheiro e Marins (2012). Desse modo, o sistema se reorganiza para criar uma estratégia

alternativa de focalização, já que SV (sujeito em posição pré-verbal) não veicula mais leitura de foco necessariamente. A clivagem entra justamente para ser a nova estratégia principal de focalização. A entrada da clivagem está de acordo com o que afirma Belletti (2008), que mostra existir uma relação entre essa estratégia de focalização e línguas como o francês, que não permitem sujeito nulo. Posteriormente, no século XIX, essa mudança alcança as interrogativas-Q.

Como apontamos anteriormente, as interrogativas-Q começam a mostrar indícios de mudança no século XIX. De um modo geral, essa mudança gira em torno de dois aspectos: (i) ordem dos constituintes e (ii) padrão sentencial. No que diz respeito à ordem, por um lado, observamos um comportamento distinto entre PB e PE. Quando olhamos para o padrão, por outro lado, PB e PE parecem se aproximar. Os resultados apresentados na sessão de análise servirão como evidência disso.

O comportamento diacrônico do PB pode ser resumido da seguinte maneira: um sistema [Q VS] que passa a um sistema [Q SV]. Duarte (1992) defende que existe uma relação entre a ordem SV e a entrada da clivagem no sistema, de forma que essa estratégia de focalização teria funcionado como fator condicionador e essencial para o licenciamento da ordem SV, o que aconteceria de forma consistente a partir do período IV estudado pela autora, que corresponde aos anos de 1920 a 1940. Até o período citado, todos os dados de interrogativas com ordem SV são também de clivadas, o que faz com que a autora correlacione as duas estruturas.

Já Lopes-Rossi (1993) trabalha com uma hipótese que associa SV ao enfraquecimento da concordância identificado no PB, fazendo com que o verbo não precise mais ficar em posição alta na estrutura da sentença. De acordo com a autora, com o enfraquecimento da concordância verbal, o critério Q⁴, elaborado por Rizzi (1991), deixa de ser aplicado, de forma que, ao contrário do que se identifica na ordem VS, em que ambos o verbo e o elemento Q realizam movimento, somente Q realiza movimento – padrão identificado no sistema SV.

Em relação ao PE, o que se observa é um comportamento mais regular ao longo do tempo. Nas primeiras sincronias analisadas por Nicolau de Paula (2016), as

⁴ Rizzi (1996) propõe que existe um critério que regula as sentenças interrogativas, o critério Q. tal critério define que um operador Q deve estar em relação Spec-núcleo com um núcleo Q e um núcleo Q deve estar em relação Spec-núcleo com um operador Q. ou seja, é exigida uma certa compatibilidade de traços entre o elemento que ocupa a posição de especificador e o elemento que está na posição de núcleo do sintagma. Em algumas línguas, supostamente, o traço [+Q] está na flexão, o que faria com que o verbo devesse subir para o núcleo C a fim de respeitar o critério Q e estabelecer a relação Spec-núcleo.

interrogativas apresentam o padrão [Q VS] e [Q V], este último equivale a uma interrogativa com sujeito nulo. O sujeito nulo segue sendo uma estratégia muito frequente no PE até o período mais recente da análise. O que se mostra interessante é o expressivo aumento das interrogativas com clivagem. Esse crescimento chama a atenção e motiva a comparação a ser desenvolvida na análise do presente artigo, portanto retomaremos esse ponto na análise dos dados.

4. ANÁLISE

4.1 RESULTADOS DIACRÔNICOS

Nossas análises, em consonância com os estudos que tratam da mudança nas interrogativas-Q, mostraram a ordem SV tornando-se a preferida nas construções do PB, tendo-se um decréscimo drástico dos índices de ocorrência de VS, chegando a 3% e 7% nos períodos mais recentes, como expresso no Gráfico 1 abaixo. Enquanto SV passou a prevalecer no sistema, chegando a aparecer em 97% e 93% dos dados correspondentes aos períodos mais recentes. Os dados para a análise do PB são uma revisita ao trabalho de Duarte (1992) e expandem a amostra da autora adicionando novas peças, mas mantendo os mesmos sete períodos de tempo propostos pela autora na época.

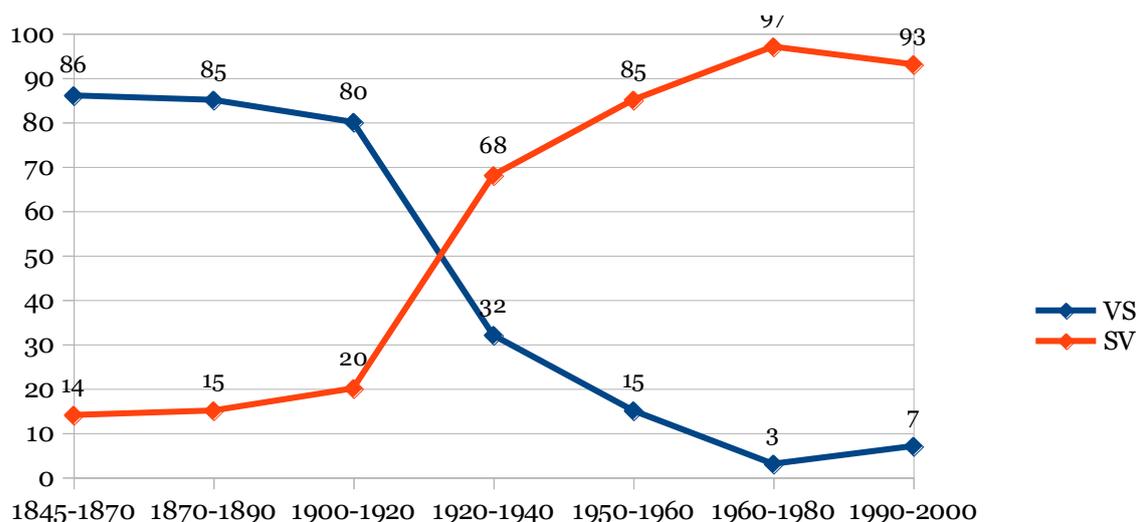


Gráfico 1: Ordem VS/SV em interrogativas-Q do PB ao longo de sete períodos

Os resultados refletem os padrões abaixo ilustrados, em (8) a ordem [Q VS] que figura como principal opção do sistema até o período 3.

- (8) a. O que **pensa tua filha** do nosso projeto? (período 1)
b. E por que tanto **chora a menina**? (período 1)

Os exemplos em (9) mostram as possibilidades com as quais o sistema passa a contar quando a perda de [Q VS] começa a ser mais contundente. (9a) ilustra a clivagem no padrão que aparece primeiro. O sistema convive com [Q VS] e clivagem com SV por um tempo antes de as interrogativas do tipo (9b) aparecerem de modo mais robusto. de fato. Por fim, nos períodos mais recentes aparece a estrutura chamada aqui de clivada sem cópula em (9c).

- (9) a. Como *é que* **você gostaria** de me ver vestida? (período 6)
b. Quanto a **senhora tem**? (período 5)
c. Que bala, Margareth? *Do que que* **tu tá falando**? (período 7)

Os resultados encontrados com a presente análise servem para reforçar o que já havia sido observado em 1992 por Duarte, porém temos agora uma evidência com base em uma amostra mais extensa. O sistema do PB passa por importantes mudanças no âmbito da ordem, começando pelas declarativas (Berlinck 1989) e essa mudança alcança as interrogativas-Q seguindo a linha do tempo apresentada no Gráfico 1. As interrogativas-Q do PB, tal como conhecemos hoje, são reflexo do que parece ser uma mudança estrutural sofrida pelo sistema: a perda de uma gramática que priorizava o verbo em segunda posição para uma gramática SVO.

Assim como apontou Duarte em seu trabalho de 1992, constatamos, com esta amostra, que o PB perde, de maneira, indiscutível, as interrogativas com ordem VS. Pinheiro e Marins (2012), Nicolau de Paula (2016), entre outros afirmam que paralelamente a essa perda de VS, o PB perde interrogativas com sujeito nulo, como observamos abaixo:

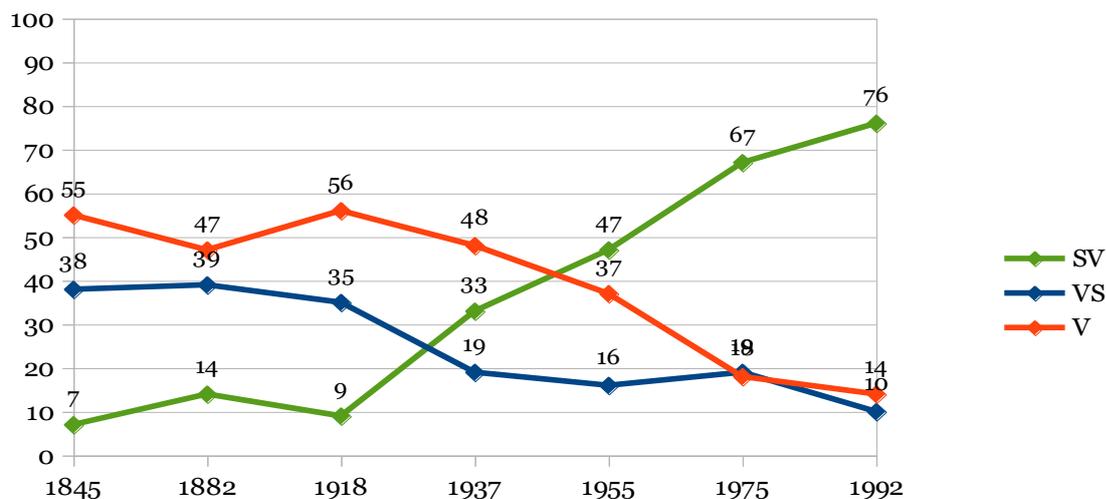


Gráfico 2: A relação da ordem VS/SV e a perda do sujeito nulo no PB (gráfico adaptado de Duarte, 1993 e Pinheiro e Marins, 2012)

O que o gráfico 2 mostra é que o padrão de interrogativas com sujeitos nulos decaiu ao longo do tempo e o padrão [Q VS] acompanha essa queda. Isso mostra que os dois processos parecem estar relacionados no PB. Perda do sujeito nulo e redução no uso de ordem VS apontam para um mesmo parâmetro – o Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN), que conta com a ordem VS livre como uma de suas propriedades. Conforme o PB avança no preenchimento do sujeito em vários contextos (Duarte, 1993, 1995, 2012), o padrão das interrogativas vai mudando. A ordem [Q SV] cresce de 7% no período 1 analisado pelos autores dos trabalhos que embasam o Gráfico 2 para 76% no período 7. Nossos resultados mostram que esse avanço é ainda maior, com 93% de SV no último período. Retomando a correlação feita por Belletti (2008), o que parece é que o PB, ao entrar no processo de perda do sujeito nulo (ainda em curso), deixa, assim como o francês, de aceitar a posição pós-verbal (VS) como marcadora de foco. Retomaremos esse raciocínio mais adiante nesta seção.

Até aqui, não separamos os padrões de [Q SV] que estão dentro desses resultados. Desse modo, é essencial voltarmos a atenção para as estruturas clivadas, que, segundo Duarte, estão diretamente relacionadas com a possibilidade de o PB poder produzir, posteriormente, a ordem SV nas interrogativas-Q. O Gráfico 3 mostra com mais detalhe o processo diacrônico que atinge as clivadas:

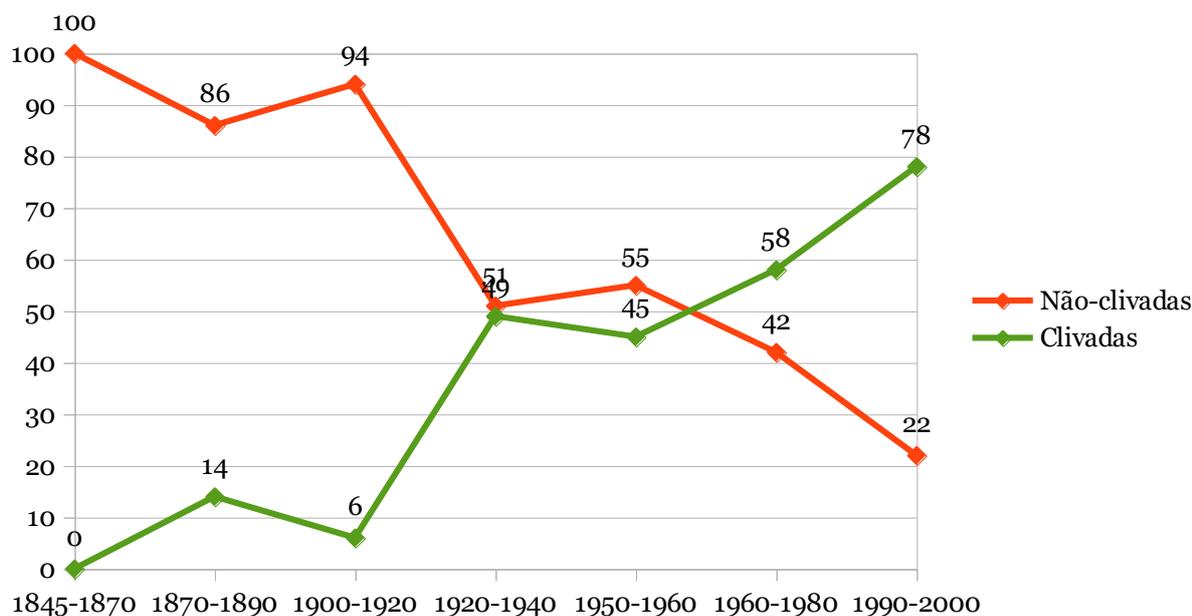


Gráfico 3: Evolução da clivagem nas interrogativas-Q do PB moderno em sete períodos

Nossas análises, assim como os resultados de Duarte (1992), apontam para um significativo aumento das ocorrências de clivagem ao longo dos períodos analisados. A estrutura passa a aparecer de forma consistente a partir do período IV, como expresso no Gráfico 3. Encontramos, porém, como pode ser observado nos gráficos acima, ocorrências de SV nos períodos iniciais, momento em que as ocorrências de clivagem eram nulas ou pouco significativas. Diante disso, levantamos a hipótese de que a ordem SV já existia como uma possibilidade no sistema, de forma restrita, e não seria condicionada pela clivagem. A clivagem, na realidade, é uma consequência da perda da ordem VS (possibilidade de inversão).

Kato e Duarte (2002) apresentam uma possível explicação para a nas interrogativas no PB. Por conta do aumento dos sujeitos preenchidos, a geração mais jovem passou a reanalisar a posição do sujeito em relação ao verbo nas interrogativas-Q atribuindo uma leitura de supostos sujeitos pós-verbais aos nulos e chegando a reanalisar a posição.

- (10) a. Por que ___ parou ___ com a leitura?
 b. Por que parou (**você**) com a leitura?
 c. Por que (**você**) parou com a leitura?

A hipótese de Kato e Duarte (2002), na nossa visão, explica apenas uma parte das mudanças. Por um lado, entendemos que a entrada da ordem SV nas interrogativas parece ser fruto da mudança no padrão gramatical pelo qual o PB estava passando – deixando de ser um sistema de verbo em segunda posição e passando a um sistema SVO, percepção que está de acordo com a proposta das autoras citadas acima. Por outro lado, o expressivo aumento de clivadas que é detectado aqui e em outras análises é reflexo de uma outra mudança, aquela relativa ao processo de focalização, que faz com que o uso da clivagem se espraie cada vez mais pelo sistema. Com base nessa conclusão, partiremos para a comparação com os resultados para as interrogativas-Q do PE, a fim de observar se a mudança segue o mesmo percurso.

O conjunto de observações sobre a perda do sujeito nulo e a paralela perda de ordem VS no PB, apresentado no Gráfico 2, aponta para uma relação dessas mudanças com as mudanças que a gramática do PB apresenta em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo (Duarte, 1995). As relações estabelecidas parecem indicar que a ordem das interrogativas-Q do PB sofre alterações e o padrão preferencial muda. Essa conclusão nos leva à seguinte questão: o que motiva o aumento de interrogativas clivadas com ordem SV no PE, sistema que não passa por qualquer alteração no âmbito do PSN?

Partiremos para uma breve retomada dos resultados de Nicolau de Paula (2016, 2017) para buscar entender o processo de evolução no PE, mostrado no Gráfico 4:

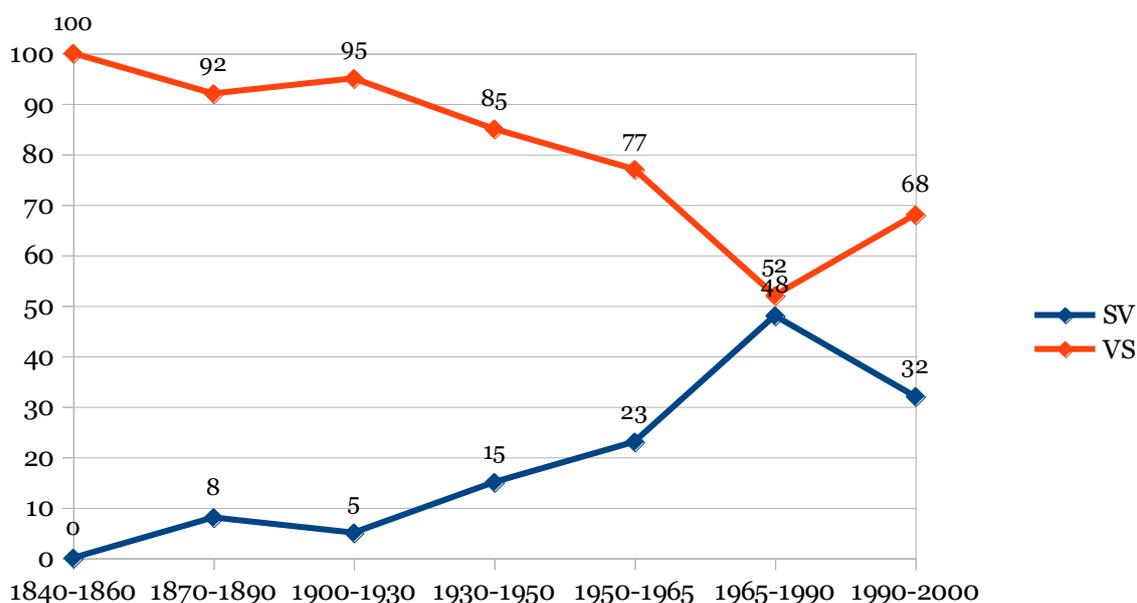


Gráfico 4: Ordem VS/SV em interrogativas-Q do PE moderno (Nicolau de Paula, 2016)

O Gráfico 4 mostra, de modo semelhante ao que vimos para o PB, o caminho das interrogativas-Q no PE ao longo de sete períodos com base em dados de uma amostra de peças teatrais. É clara a diferença quando comparamos com o PB, principalmente porque quase 100% dos dados considerados aqui como SV são de sentenças clivadas. As descrições para o PE sempre apontaram que, em contexto com clivagem, a ordem SV é licenciada no interior da oração, ou seja, não é uma novidade encontrar o padrão [Q é que SV] no PE.

O que chama a atenção nos resultados é justamente a tendência ao aumento de aplicação da clivagem ao longo do tempo. No período 1, todas as interrogativas são com ordem VS sem clivagem e essa taxa vai caindo, mesmo que de maneira pouco acentuada até o período 7, última sincronia estudada. Para observar com mais precisão essa tendência, o gráfico 5 foi organizado contando com os dados de interrogativas da amostra (sujeitos nulos e expressos) e mostra com clareza a subida da clivagem:

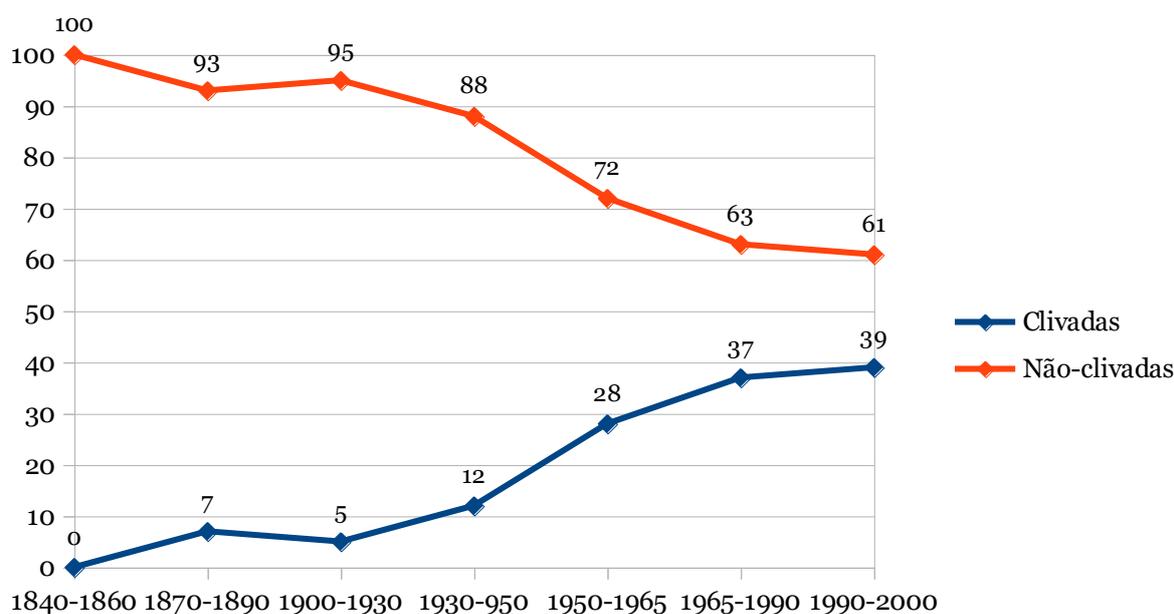


Gráfico 5: Evolução da clivagem nas interrogativas-Q do PE moderno

O Gráfico 5 deixa a tendência de aumento das clivadas mais em evidência. No período inicial, como já havia mostrado o gráfico anterior, temos apenas dados com ordem VS, estando inclusos agora os dados com sujeito nulo, e, por outro lado, não aparecem ocorrências de clivagem. Quando observamos o período final, temos 39% de interrogativas clivadas, contra 61% de não clivadas. A tendência não é tão clara quanto no PB, mas nossa hipótese é a de que, se expandirmos a análise para períodos

ainda mais recentes, a clivagem apareça com valores ainda mais elevados. Em (11), vemos os exemplos da ordem VS que é descrita como a ordem básica das interrogativas do PE.

- (11) a. Onde **pôz sua mercê** o bacalhao? (período 1)
b. Que **vens tu** cá fazer? (período 4)

Em (12), mostramos a sentença com clivagem, tópico da discussão em relação ao Gráfico 5, e, em (12b), um exemplo de uma das estruturas que já apareciam desde o século XVII, segundo o trabalho de Lopes-Rossi (1996), que são interrogativas com ordem SV. O que acontece aqui, assim como no exemplo (6), é a não obrigatoriedade de subida do verbo licenciada por um interrogativo acompanhado de um DP. Esse tipo de sentença é a minoria, como já foi dito anteriormente. A imensa maioria dos dados de SV é com clivagem.

- (12) a. De que *é que* **eles estão** à espera? (período 6)
b. Que noção exata **você tem** do que seja liberdade? (período 4)

Segundo Belletti (2008)⁵, nenhum princípio formal é violado na clivada, o que significa que ela é uma estrutura que funciona plenamente inclusive em línguas de sujeito nulo que apresentam VS como estratégia preferida – caso do PE. Desse modo, entendemos que sintaticamente não existem restrições que poderiam impedir o avanço da clivagem. Trabalhos que investigam a clivagem no PE, como Costa e Lobo (2009), mostram que essa gramática conta com uma grande diversidade de estratégias de clivagem. Em variedades não-standard, os referidos autores registram inclusive a possibilidade de reduplicação do ‘é que’ na mesma sentença e afirmam ser possível encontrar diferentes padrões de clivagem em uma mesma sentença. Grande parte dessas investigações se dão no âmbito das frases declarativas, no entanto é possível assumir aqui que a grande liberdade das clivadas declarativas alcança o sistema de interrogativas que passa a contar com cada vez mais perguntas clivadas, seguindo a tendência do sistema.

⁵ Agradecemos a observação, de um dos pareceristas, sobre o trabalho de Belletti (2008). O questionamento contribuiu para que nos aprofundássemos na relação entre línguas com ordem VS e a baixa expressividade da estratégia de clivagem, como é o caso do italiano.

O conjunto de apontamentos apresentados até agora reforça uma hipótese desenvolvida anteriormente de que existe uma relação entre a mudança no PSN (perda de sujeito nulo e perda de inversão livre) do PB com o aumento das clivadas na nossa gramática. Desse modo, com base em Belletti (2008), é possível traçar um paralelo entre o PB e o francês. A autora, como bem levantado por um dos pareceristas, evidencia que existe uma correlação entre a clivagem e a forma de focalizar no francês, uma língua de sujeito obrigatório e que não licencia inversão livre, ou seja, precisa de uma nova forma alternativa de focalizar. O mesmo panorama é encontrado no PB contemporâneo, que perde cada vez mais sujeitos nulos e não conta mais com a posposição como forma possível de focalizar sujeitos.

Diante das observações feitas até aqui nos voltamos para uma pergunta importante: o que justifica o aumento expressivo da clivagem no PE, sistema que ainda pode focalizar usando a posposição? A resposta para tal questionamento ainda não nos parece muito clara, no entanto levantamos uma linha de raciocínio que pode contribuir para o entendimento desse problema. Nossa investigação envolve duas perguntas principais: (i) Seria o aumento de interrogativas clivadas uma questão pragmática? (ii) as clivadas cumprem a mesma função nas diferentes gramáticas (PB e PE)?

4.2 QUESTÕES RELATIVAS À FUNÇÃO

Na tentativa de responder às duas questões acima, decidimos iniciar uma investigação que envolve o par forma e função. Buscando responder à seguinte pergunta: Os diferentes padrões de interrogativas recebem a mesma leitura pragmática ou cada forma corresponde a contexto pragmático (função) específico? Optamos por começar a traçar o perfil pragmático dessas interrogativas-Q pelos dados do PB, por se tratar de um sistema sobre o qual podemos fazer julgamentos intuitivos. Posteriormente, a análise será expandida para o PE por meio de testes com falantes nativos.

O objetivo é propor uma tipologia que dê conta da associação do par forma e função para as interrogativas-Q do português em moldes semelhantes ao que foi proposto por Oushiro e Nasser (2010) e levando em consideração a importância da

noção de Common Ground⁶ (Stalnaker, 2002). Essa tipologia pode contribuir para a descrição das interrogativas-Q. Com base nas referidas autoras, acreditamos que os participantes de uma situação comunicativa são capazes de reconhecer diferentes tipos de perguntas e sabem, também, quais são as reações adequadas a serem tomadas.

A tipologia de Oushiro e Nasser conta com três tipos de perguntas:

- 1 - perguntas pragmaticamente sinceras,
- 2 - perguntas retóricas (asserção) e
- 3 - perguntas de estruturação do discurso (semi retóricas)

As interrogativas da amostra do PB foram codificadas com base na tipologia de Oushiro e Nasser (2010), porém, para questões de quantificação, os tipos 2 e 3 foram analisados em conjunto. Abaixo mostramos exemplos de cada tipo com base no nosso *corpus* de peças brasileiras:

(13) Tipo 1

1- A senhora tem alguma queixa de mim, de qualquer dos empregados da casa? Observou alguma irregularidade?

2- Por que o senhor me pergunta isso?

1- Com o intuito apenas de esclarecer...

No exemplo em (13), a pergunta formulada claramente espera por uma resposta do interlocutor, o que acontece logo em seguida no diálogo. A formação de um par pergunta-resposta é a principal característica de perguntas do tipo 1.

(14) Tipo 2/3

1- Vocês duas são mulheres inteligentes. Eu sei que vão se dar bem.

2- Já estamos nos dando. Eu já devia ter percebido antes. **Como é que eu não notei logo?** Com que então, estou diante de um belo exemplar da causa feminista?

1- Com muita honra!

⁶ De maneira sucinta essa noção representa um conteúdo posto ou, nas palavras de Stalnaker (2002), um zero em um grupo desde que todos os membros aceitem aquele zero e todos acreditem que todos aceitam aquele zero. Esclarecendo que aceitar aqui deve ser entendido como tratar uma proposição por verdadeira.

No caso do exemplo (14), observamos que, na realidade, a formulação que vem em forma de interrogativa-Q não espera por um tipo de resposta do interlocutor, caracterizando uma pergunta retórica ou semirretórica.

As referidas autoras utilizam a tipologia para investigar se existe diferença na pragmática de interrogativas com e sem movimento do sintagma Q. A intenção da investigação que estamos iniciando agora é propor uma tipologia completa para todos os padrões de interrogativas-Q, associando padrão sentencial e tipologia. A análise ainda é uma análise piloto, porém obtivemos resultados interessantes que podem comprovar algumas hipóteses. Organizamos a distribuição na tabela abaixo:

PADRÃO	
Q S V	Esse padrão concentra 67% no tipo 1 – perguntas verdadeiras
Q é que SV	Distribuição equilibrada entre tipo 1 (58%) e tipo 2 (42%)
Q que SV	Esse padrão tem clara preferência pelo tipo I (97%) – perguntas verdadeiras
Q <i>in situ</i>	Esse padrão apresenta um favorecimento para o tipo 2 (73%) – perguntas retóricas e semi retóricas

Tabela 3: Distribuição das interrogativas-Q em relação à tipologia de Oushiro e Nasser (2010)

Os resultados da análise ainda são muito incipientes, no entanto indicam que as interrogativas do padrão [Q SV] aparecem na amostra como perguntas verdadeiras, na maior parte dos casos (67%). Esse resultado vai ao encontro da hipótese levantada por nós que gira em torno do fato de [Q SV] ser a forma mais básica de organizar uma interrogativa no PB. Esse resultado, certamente, se mostrará diferente quando analisarmos o PE. Em (15), temos mais um exemplo desse padrão:

(15) 1- Não vou botar seu almoço não!

2- Não? Ainda não está pronto? Eu não lhe avisei que ia chegar cedo pra almoçar? **Por que você não aprontou o almoço na hora?**

1- Ele está pronto. Só que não vou colocá-lo na mesa.

O padrão com interrogativas clivadas e ordem SV teve uma distribuição muito equilibrada entre os tipos 1 e 2/3. Entendemos que a amostra precisará ser expandida para detectarmos com mais precisão como as clivadas se comportam no que diz respeito à sua pragmática. Nossa hipótese era que nesse caso a maioria dos dados fossem de perguntas do tipo 2/3; já que acreditamos que perguntas sem marcação especial (verdadeiras) são feitas com ordem SV sem clivagem. Em (16), temos exemplos que mostram o comportamento das clivadas nos dois tipos:

(16) a. PERGUNTAS PRAGMATICAMENTE VERDADEIRAS

1 - ... Quase que Nixon perdeu o governo e a mulher.

2 - **E como foi que eles recuperaram o casamento?**

1 - Pat veio nos procurar por uma indicação de Nancy, fez um curso intensivo e em duas semanas recuperou seu casamento.

(16) b. PERGUNTAS RETÓRICAS E SEMIRRETÓRICAS

1 - Paulo, você nunca vai levar a sério...

2 - Quando eu levo a sério você se desespera do mesmo jeito. Entrei para o partido e **como é que você recebeu a notícia? Chorando!**

1 - Isso é levar a sério?

A evidência para classificar (16b) como pertencendo ao tipo 2/3 é o fato de o locutor não esperar sequer a resposta e ele mesmo responder à pergunta elaborada. Não há aqui espaço para mudança de turno, não configurando, portanto, um par pergunta-resposta.

As clivadas sem cópula apresentaram um comportamento muito claro em relação ao padrão que elas veiculam: 97% dos dados da amostra se encaixam no tipo 1. Interpretamos isso como uma evidência que pode indicar o enfraquecimento da força de focalização da clivada com o apagamento da cópula. Essas sentenças estão próximas da pragmática de interrogativas sem clivagem, como mostram os exemplos em (17), elas sempre formam, em sua grande maioria, uma par pergunta-resposta:

(17) 1- Ele bateu em mais uma pessoa... Tudo de novo

2- Como assim? **Em quem que ele bateu?**

1- Num estranho, num pintor....

2- O que que o pintor fez?

1- ... O pintor viu a musculatura dele e ele partiu pra cima...

Por fim, as interrogativas com Q *in situ* concentram 73% dos dados no tipo 2/3. Esse resultado está de acordo com o que foi observado por Oushiro e Nasser (2010), que mostraram que as sentenças sem movimento do sintagma Q configuram perguntas de ‘estruturação do discurso’ em sua grande maioria. Observamos um exemplo em (18), os dois casos mostram uma configuração em que o locutor não espera e nem abre o turno para a resposta de seu interlocutor, ele mesmo pergunta e responde:

(18) 1- Você já levou bomba três anos seguidos. Isso te faz mal.

2- **E a senhora acha que eu devo fazer o quê?** Dar um tiro na cabeça?

1- Nilson, não precisa ficar nervoso.

(...)

3- Se você quiser eu estudo contigo, Nilson

2- **Estuda comigo pra quê?** O que é que você pode me ensinar, garoto?
Essa velha tá inventando coisa pra me sacanear

Oushiro e Nasser (2011) afirmam, que por terem uma resposta muito óbvia, as perguntas retóricas cumprem uma função diferente das perguntas pragmaticamente verdadeiras, pois elas não têm a intenção de atualizar o ‘common ground’ entre os interlocutores; elas apenas reforçam um conjunto de crenças já compartilhadas, não exigindo, portanto, uma resposta. As perguntas de estruturação do discurso têm um comportamento semelhante ao das retóricas, já que nenhuma das duas espera resposta do interlocutor (motivo pelo qual as quantificamos juntas). No entanto, essas últimas não têm uma resposta óbvia, para que a comunicação faça sentido nesse caso é necessário que o próprio falante dê prosseguimento ao turno conversacional, exatamente o que vemos em (18). Como consequência, o ‘common ground’ é atualizado.

Com essa divisão, observamos que, de fato, cada tipo de pergunta exerce uma função diferente. Essa confirmação nos leva a crer que as mudanças sofridas pelas interrogativas-Q na diacronia, descritas na seção 4.1, não têm motivação

exclusivamente sintática/estrutural. Os resultados, ainda que preliminares, dão indícios de que há uma questão funcional importante que deve ser considerada quando buscamos entender, por exemplo, o aumento de interrogativas clivadas nas amostras estudadas. A função da pergunta veiculada por uma clivada [Q é que SV] não é necessariamente a mesma de uma pergunta feita com clivada sem cópula [Q que SV], ou ainda de uma pergunta com ordem [Q SV].

Enquanto a explicação para o aumento das clivadas parece estar claramente relacionada a uma questão estrutural no PB – relação com a perda da possibilidade de focalizar com ordem VS, no PE essa explicação não se aplica, como comentamos previamente. Logo, entendemos que a análise que considera questões funcionais pode lançar luz sobre esse tema e nos levar a uma resposta que dê conta de explicar as razões pelas quais o PE passa a preferir cada vez mais clivadas no âmbito das interrogativas-Q ao longo do tempo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da análise diacrônica apresentados aqui destacam questões importantes no que diz respeito ao processo de focalização no português. As sentenças interrogativas, que serviram como objeto de estudo, refletem mudanças que aconteceram no âmbito geral da língua ao longo do tempo. A principal mudança em questão está relacionada à entrada da clivagem como principal forma de focalizar elementos. Esse padrão entra inicialmente nas declarativas e depois alcança as interrogativas-Q. Nossos dados indicam que a tendência do português a usar clivagem é tão grande que tanto PB quanto PE apresentam curvas indicando o aumento nas taxas de uso desse padrão.

Partindo do cenário maior, nos voltamos para períodos mais recentes da língua e estudamos a evolução nos padrões de interrogativas-Q no PB e no PE. Trabalhos anteriores já apontavam que indiscutivelmente houve uma mudança no padrão preferencial, no caso do PB. Nossos dados confirmam essa mudança que gira em torno da perda do padrão [Q VS] e entrada do padrão [Q SV]. Segundo Duarte (1992,1993), tal configuração parece estar relacionada a uma mudança que afeta o Parâmetro do Sujeito Nulo. Uma vez que a ordem VS é uma propriedade de línguas de sujeito nulo, é esperado que o PB perca essa propriedade em seu processo de mudança. Consequentemente, perdemos VS nas interrogativas também. No caso do

PE, o processo parece se dar de modo um pouco distinto. Não há registros de qualquer alteração no âmbito do PSN para o PE. Sendo assim, não seria esperado encontrar padrões diferentes daqueles que envolvem a ordem VS, descrita na maioria dos trabalhos como básica nas interrogativas do PE. No entanto, nossos resultados apontam para um processo diferente. Há, ao longo dos sete períodos estudados, um crescimento do padrão com clivagem. A diferença entre PB e PE consiste no fato de que no PB é possível encontrar ordem SV sem clivagem, forma não licenciada no PE.

Os resultados diacrônicos nos levaram a um questionamento sobre a leitura pragmática que esses diferentes padrões de interrogativas recebem. Levantamos a hipótese de que pode estar aí a resposta para algumas questões que parecem estar além de questões estruturais das sentenças simplesmente. A parte final deste artigo consiste, então, na apresentação de uma análise piloto que está em processo de refinamento. Ao que tudo indica, nossos resultados trarão importantes contribuições para a descrição das interrogativas-Q e sua diacronia.

REFERÊNCIAS

BELLETTI, Adriana. Answering Strategies: new information subject and the nature of clefts. Ms, Università di Siena, 2008.

BERLINCK, Rosane de Andrade. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, Fernando (org.). *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989.

CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira. Posição do sujeito e posição social: um caso de competição de gramáticas em cartas dos séculos XIX e XX. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 16, n. 1, 2014.

CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira. A posição do sujeito na história do Português Brasileiro: sintaxe e estrutura informacional da sentença. In: Comunicação apresentada no Gallaecia: III Congresso Internacional de Linguística Histórica, julho de 2015, Santiago de Compostela.

COSTA, João; LOBO, Maria. Estruturas clivadas: evidência dos dados do português europeu não standard. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6, 2009, João Pessoa. Anais. João Pessoa: Ideia. 4604 p, v. 2. p. 3800-3806.

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas Qu- no português do Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 8, n. Especial, 1992.

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (org.). *Português Brasileiro - uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012.

KATO, Mary Aizawa. Mudança de ordem e gramaticalização na evolução das estruturas de foco no português brasileiro. *Estudos Linguísticos*, v. 38, n. 1, 2009.

Kato, Mary A.; Ribeiro, Ilza. Cleft sentences from old Portuguese to Modern Brazilian Portuguese. In: DUFTER, Andreas; JACOB, Daniel (org.). *Focus and Background in Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

KATO, Mary A; TARALLO, Fernando. Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e interlingüística. *Preedição*, Campinas, n.5, 1989.

LONGHIN, Sanderleia Roberta. As construções clivadas: uma abordagem diacrônica. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Casmpinas, São Paulo, 1999.

LOPES-ROSSI, Maria Garcia. Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português no Brasil. In: KATO, Mary Aizawa; ROBERTS, Ian. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. São Paulo: Contexto, 1993.

LOPES-ROSSI, Maria Garcia. A sintaxe diacrônica das interrogativas Q do português. 1996. Tese (Doutorado). Universidade de Lisboa, Lisboa.

MARINS, Juliana Esposito; PINHEIRO, Diogo. A trajetória das interrogativas Qu- clivadas e não clivadas no português brasileiro. In: DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia (org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2013.

MENUZZI, Sergio. Sobre a pressuposição das clivadas. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 46, Florianópolis, 2018.

MIOTO, Carlos. Sobre o Sistema CP no Português Brasileiro. *Revista Letras*, Curitiba, v. 56, 2001.

NICOLAU DE PAULA, Mayara. A ordem VS/SV e as interrogativas-Q no PE e no PB: uma análise diacrônica. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2016.

NICOLAU DE PAULA, Mayara. Comparative diachronic analysis of wh-questions in Brazilian and European Portuguese. *Diadorim*, v. 19, n. Especial, 2017.

OUSHIRO, Livia. Uma análise variacionista para as Interrogativas-Q. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

OUSHIRO, Livia; NASSER, Juliana. Perguntas e Respostas em entrevistas sociolinguísticas. Anais do Congresso Internacional Linguagem e Interação II. São Leopoldo: Casa Leiria, 2010.

RIBEIRO, Ilza Maria de Oliveira. As mudanças sintáticas do PE - Questões sobre periodização. In: CASTILHO, Ataliba T. de; MORAIS, Maria Aparecida Torres; LOPES, Ruth E. Vasconcelos Lopes; CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. (org.). *Descrição, história e aquisição do Português Brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007.

STALKANER, Robert. Common ground. *Linguistics and Philosophy*. v. 25, 2002 701–721.

Artigo recebido em 21 de novembro de 2018.

Artigo aceito em 12 de março de 2019.